

Controladas *Jornal* as actividades da "Resistência Moçambicana"

18/7/80
p. 29

Segundo informações recebidas de Moçambique encontram-se, neste momento, controladas, as actividades desestabilizadoras do «Movimento Nacional de Resistência» (mais conhecido por «Resistência Moçambicana»), organizado a partir da antiga Rodésia, com o apoio da África do Sul, e tendo como figuras de proa Jorge Jardim, Orlando Cristina e Domingos Arouca. No entanto, segundo as mesmas fontes, «há novos indícios de que o projecto de desestabilização de Moçambique e do Zimbábue não vai ser abandonado pela livre vontade de quem o leva a cabo».

Nos primeiros dias de Fevereiro deste ano teve lugar, nos arredores de Salisbúria, uma série de reuniões entre a «secção portuguesa» do «Special Branch» rodésiano e Orlando Cristina, secretário particular de Jardim quando este vivia na Beira. A escassa semana das eleições que levariam a ZANU (Frente Patriótica, de Robert Mugabe) ao poder, a administração britânica do governador Lord Soames encontrava-se sob forte pressão para pôr termo às actividades do MNR a partir da Rodésia. Cristina é informado de que o MNR deixará de ter a Rodésia como «petaguarda», e inicia uma série de contactos com elementos da Embaixada sul-africana, em Salisbúria, a fim de saber que tipo de apoio lhe poderia vir deste país. Chegam posteriormente ordens para o MNR abandonar os seus pontos de concentração na Rodésia e fechar o seu programa radiofónico «Voz da África Livre», emitido a partir da «Rhodesian Broadcasting Corporation», e considerado como uma reacção à transmissão, a partir de Maputo, da «Voz do Zimbábue».

A partir de 7 de Fevereiro de 1979 tinham sido abertos dois campos de treino, com duzentos homens cada, um na Rodésia, outro na África do Sul. Com o auxílio de dois treinadores israelitas, põe-se em movimento uma operação conjunta rodésiano-sul-africana, a ser executada por ocasião do 4.º aniversário da independência de Moçambique, de cujos objectivos faz parte a ocupação dos pontos estratégicos da cidade da Beira. Em fins de Maio os serviços de segurança moçambicanos tomam conhecimento dos preparativos da operação, emitem um comunicado de imprensa alertando todas as unidades militares e a população de Sofala, e a operação é suspensa.

Com as eleições rodésianas e a esmagadora vitória de Robert Mugabe, o MNR sofre um grande golpe e vê a sua actuação seriamente comprometida.

Precedentes

Pouco depois da proclamação da independência de Moçambique, em Junho de 1975, Domingos Arouca, um antigo latifundiário de Inhambane que abandonara Moçambique durante o período do governo de transição, encontra-se, em Londres, com Jorge Jardim, que, durante anos, propusera e procurara estabelecer uma solução neocolonial para Moçambique. Discutem a formação de um organização que, a partir do exterior, fizesse frente à consolidação de um regime popular em Moçambique. Orlando Cristina inicia imediatamente o recrutamento de antigos GEs, GEPs, Flechas e comandos, grande parte dos quais procedentes do «Exército Privado» de Jardim. Em Bindura, a norte de Salisbúria, é aberto um centro militar onde são recebidos e treinados, com o apoio de antigos agentes da PIDE que tinham começado a trabalhar para o «Special Branch».

Operação armadas

Quando o governo moçambicano decreta o fecho das fronteiras com a Rodésia, a 3 de Março de 1976, já

está preparado o primeiro grupo da organização. A estratégia consiste na chamada «guerra dos abastecimentos». As primeiras actuações, em Abril de 1976, nas províncias de Tete e Manica, são caracterizadas por ataque e destruição de lojas do povo, cantinas de privados, machambas, e centros de saúde em zonas fronteiriças. As dificuldades criadas às populações a partir dessas acções seriam acompanhadas pelo fornecimento de comida a partir da Rodésia, executado pelo MNR.

As primeiras acções têm um certo efeito, mas uma actuação pouco inteligente (brutalidades, rapto e violação de raparigas) acaba por provocar o descontentamento, e, a breve trecho, a revolta das populações.

No mês seguinte à Conferência de Lancaster House (Londres), em Mavondo, província de Manica, os rodésianos penetram fundo em território moçambicano, mas encontram uma contra-ofensiva das FPLM bem estruturada, que lhes custa 100 mortos e o abate de seis caças. É a última grande ofensiva militar rodésiana.

Sitatonga 2

A partir de Janeiro de 1980, de uma forma sistematizada, centenas de homens do MNR começam a deixar a Rodésia, dirigindo-se para as montanhas de Espungabera, na província de Manica. Começa a construção da base de Sitatonga 2, no topo da montanha, cujo acesso é extremamente difícil pelo lado moçambicano, mas bastante simples pelo da Rodésia. No topo da montanha, o acampamento central e postos de reconhecimento acabaram por cobrir 20 quilómetros quadrados, incluindo um campo de aterragem para helicópteros. Estes vinham da África do Sul, carregados de armamento novo, munições e comida. A zona das «farms» de café rodésianas, onde se concentraram grupos de moçambicanos armados, tornou-se o último reduto daquele país de apoio ao MNR.

É a partir de Sitatonga 2 que são programadas as acções armadas que têm lugar em Abril, deste ano, contra meios de comunicação e transporte, uma central eléctrica e outros alvos civis.

O perigo vem do Sul

Em Abril começa, também, a ofensiva das FPLM contra Sitatonga 2, até ao seu cerco e ocupação, em Junho. A 3 de Junho a situação estava perfeitamente controlada, contando-se, desta vez, com o apoio do governo do Zimbábue.

«O nosso governo enviou tropas para a fronteira não somente como apoio a Moçambique, mas como forma de neutralizar desde já qualquer acção externa que tenha por objectivo criar grupos idênticos para actuação dentro do nosso país», diz Emerson Munangagwa, ministro de Estado no gabinete do primeiro-ministro do Zimbábue. «Estou certo de que o perigo não vem do Zimbábue, mas sim do Sul.»